

A alfaiataria artesanal e sua decadência

Tailoring craft and its decay

Luiz Claudio da Silva; Especialista; (SENAI / CETIQT)

Cristiane de Souza dos Santos; MSc.; (SENAI / CETIQT)

RESUMO

O presente trabalho procurou suscitar, ainda que de forma sintética, mas dentro de uma abordagem concisa e objetiva, questões relevantes envolvendo a desvalorização do alfaiate sob a ótica das questões relacionadas a formação acadêmica desse profissional. Uma rápida abordagem sobre o histórico da alfaiataria, suas especificações e também uma explanação generalizada sobre a trajetória do alfaiate como profissão.

Palavras-chave: alfaiate, formação, educação

ABSTRACT

The present study sought to raise, even in summary form, but in a concise and objective approach, relevant issues surrounding the devaluation of Taylor from the perspective of the issues that the academic profession. A quick approach to the history of tailoring, specifications, and also a general explanation about the history of Taylor as a profession.

Keywords: Taylor, trainig, education

Introdução

Os poucos alfaiates que trabalham hoje na Cidade do Rio de Janeiro relatam que aproximadamente na década 60, os homens que passavam pela Rua Marechal Floriano, na Cidade do Rio de Janeiro, eram abordados por alfaiates na calçada para fazer um terno, de tantas alfaiatarias que existiam. Nos dias de hoje é possível ver o triplo de homens vestidos de ternos que circulam pela região central da Cidade do Rio de Janeiro e nenhum anúncio ou loja que desenvolva esse tipo de trajés.

No mundo contemporâneo, a ciência e a tecnologia tem se desenvolvido a passos largos. Muitas profissões tem alcançado espaço tanto na mídia como em grandes universidades como corpo docente, por outro lado podemos perceber a decadência de certas profissões que deixaram de ser consideradas relevantes, como por exemplo, o alfaiate. Segundo Santos (2009) que conseguiu registrar com maestria o relato de um alfaiate que dizia. “A alfaiataria ficou com uma clientela elitizada de ternos de tecidos importados. Ternos que não têm prontos, esse termo é uma espécie de jargão dos alfaiates. Hoje a alfaiataria é uma coisa prazerosa, melhor do que antes. Antes tinha muitos alfaiates.” Será que essa última frase expressa bem um dos motivos para um eventual declínio dessa profissão?

É possível destacar um grande número de fatores que pode ter cominando para esse declínio, ou seja, o fato de que na Cidade do Rio de Janeiro o próprio sindicato dos alfaiates não possui nenhum curso voltado para formação desse profissional, assim como no âmbito político/educacional não há nenhum esforço para renovar ou mudar algo em favor dessa profissão que parece está em extinção. Com base nesse fato surgem alguns problemas: menos uma formação no mercado, dificuldade de produzir uma vestimenta sob medida e a perda das técnicas de construção de roupas sob a ótica da alfaiataria.

O que pode ser feito para frear o avanço deste declínio, observando que este ofício, continua sendo valorizado no mercado da moda.

A moda no Brasil e o surgimento das alfaiatarias e seus alfaiates

São Sebastião do Rio de Janeiro, assim os portugueses batizam a cidade em 1502. Em 1565, foi fundada uma pequena aldeia próxima ao morro Cara de Cão, posteriormente essa aldeia foi transferida para o monte Castelo, local que apresentava melhores condições de defesa contra invasores.

De acordo com MOREIRA, 2010, no século XVII, os habitantes da Cidade do Rio de Janeiro já chegavam a 3.850: deste total 3.000 índios, 750 portugueses e 100 negros. Portugal decepcionado por não encontrar nas terras brasileiras, na fase inicial do descobrimento, certa quantidade de metais preciosos para ostentar seus gastos excessivos, inclusive com suas vestimentas, procurou desenvolver uma relação comercial com o Brasil nominado de pacto colonial. Um dos produtos altamente relevante na comercialização era uma árvore nativa que teve o nome adotado na Europa de *brésil*, a cor da brasa, tempos depois a árvore foi batizada como pau-brasil (CHATAIGNIER, 2010). Produto esse muito cobiçado pelas grandes nações da época como a França, Holanda e, principalmente, a Inglaterra. Em virtude da grande quantidade dessa matéria-prima no território brasileiro, ainda indefinido, deu origem ao nome do nosso país. Como está relacionada com a moda, desta madeira era extraído um pigmento vermelho para tingimento de tecido.

A busca dos países europeus pelo referido produto fomentou uma acirrada rivalidade entre eles, pois suas classes abastadas precisavam fazer uso das mais sofisticadas formas de se vestir. Homens e mulheres de boa condição financeira se destacavam a ponto de serem reconhecidos no mundo sociável em que viviam por usarem trajes alinhados, vincados e, principalmente, confeccionados sob medida. Essa forma de se vestir passou a valorizar a profissão de alfaiate, pois o uso do terno já era uma vestimenta que já estava inserida na cultura das pessoas dessa Cidade. O que se diferenciou com a proposta dos alfaiates foi a introdução de novos tecidos e cores que eram trazidos da Europa.

Em 1798 aconteceu um movimento político e social, a inconfidência baiana ou Revolução dos Alfaiates, representou a primeira rebelião popular brasileira. Movimento realizado entre artífices e negros, o movimento contou, ainda com a participação de soldados, e escravos, que lutaram por igualdade de raças e

direitos. A revolução era contra a exploração dos negros que tinham recebido o ofício de alfaiate pelos portugueses, entretanto essa atividade era desenvolvida de forma escrava, ou seja, não havia qualquer remuneração pelo trabalho prestados. O evento estava programado para o dia 12 de agosto de 1798, na Bahia, mas foi denunciado às autoridades portuguesas, desta forma o evento não aconteceu, mas alguns alfaiates foram presos, torturados e mortos. Alguns fatores culminaram para que essa exploração ao longo dos anos terminasse, uma delas foi à imigração italiana, que aconteceu aproximadamente a partir de 1880, esses não permitiram ser explorados, essa característica serviu de referência para algumas classes de trabalhadores, como por exemplo, a profissão de alfaiate. Outro fato histórico importante foi a abolição da escravatura no ano de 1888.

O atual Sindicato dos Oficiais Alfaiates Costureiras de Leopoldina e Regiões – SOAC descreve que em 1901, trabalhadores do Rio de Janeiro do ramo da confecção percebem a necessidade de se organizar para obter fortalecimento e avanços trabalhistas, fundaram a Associação dos Artistas Alfaiates. Um ano depois a entidade deu lugar à Associação dos Mestres e Contramestres, onde os alfaiates tiveram as primeiras aulas de corte e costura.

Em 1909 foi criado na época com denominação de União dos Alfaiates do Rio de Janeiro, reconhecida como entidade sindical, representantes por: empregados em alfaiatarias, fábricas e oficinas de confecção de roupas, ateliês de moda e de bordados, oficinas de confecção de chapéus de senhoras, oficinas de cerzidos de adornos destinados ao vestuário, SOAC, 2012.

O surgimento da União dos Alfaiates do Rio de Janeiro pode ter sido criado em função segundo BRAGA & PRADO, 2011, p.27, de uma aristocracia rural que ambicionava se vestir com a imagem e semelhança das elites europeias. Parece que todo esse movimento fortaleceu essa atividade profissional. A crescente ascensão da profissão de alfaiate fez com que surgissem nomes que fortalecia a moda da época, como mostra a descrição feita por SABINO, 2007, p.34: o alfaiate Gomes, instalado na Rua Barata Ribeiro, em Copacabana, foi o responsável pela confecção de centenas de calças Saint-Tropez com boca-de-sino, bolsos-envelope e pestanas duplas nas faces externas das pernas, um modelo de calça muito em moda na década de 1960. O alfaiate Juarez com ateliê na Rua Visconde de Pirajá, era disputado para a confecção de calças de

veludo cotelê e em gabardine. Outros alfaiates como Paiva, Francesco, Schettini e Pergentino que também marcaram seus nomes na alfaiataria carioca.

A técnica de fazer roupas sob medida foi trazida para o Brasil por operários portugueses e italianos. Após o aprendizado do ofício o indivíduo tornava-se alfaiates artesãos, quando o freguês chegava nas alfaiatarias suas medidas eram verificadas, a roupa era desenvolvida e acontecia a primeira prova e em até uma semana o vestuário era entregue ao consumidor.

Antes da industrialização, os imigrantes eram os profissionais mestres e contramestres, os donos das oficinas. A profissão de alfaiate ganhou subdivisões como buteiros, responsáveis por pregar as mangas; calceiros, fazedores de calças; oficiais, confeccionadores de paletós; e assim por diante. Estas categorias permaneceram por um bom tempo nas alfaiatarias que, na década de 20, começaram a surgir na Cidade do Rio de Janeiro e em todo o Brasil. Hoje, algumas fábricas ainda utilizam essas subdivisões.

Metodologia

Esse artigo foi baseado em pesquisas bibliográficas, revistas do sindicato dos alfaiates, entrevista com pessoas que trabalham no sindicato dos alfaiates do Rio de Janeiro e investigação no museu do telefone com o objetivo de realizar a captura dos dados referentes às alfaiatarias e alfaiates registrados nas listas telefônicas entre os anos de 1924 e 1988 na Cidade do Rio de Janeiro, como mostra o gráfico abaixo.

Regulamentação da profissão de alfaiate

A profissão de alfaiate está para ser regulamentada pelo projeto de Lei número 3.655, de 2004, tendo o autor o deputado federal Arnaldo Faria de Sá, fato de suma importância para referida classe, mesmo sendo uma classe profissional muito forte no início do século XX, no entanto, só se deu início de sua regulamentação depois de estar em franca decadência. Mas podemos observar o quanto essa profissão foi subdividida, não por este projeto de lei, mas pela necessidade do mercado de trabalho, portanto o referido projeto acompanhou tais mudanças. Onde conseguiu enumerar todas as subdivisões do alfaiate:

- 1- Alfaiate – normalmente domina toda técnica de montagem e corte.
- 2- Mestre-alfaiate – mesmas atribuições de alfaiate, podendo ser o dono da alfaiataria.
- 3- Contra-Mestre – auxiliar do Contra-Mestre.
- 4- Ajudante de Contra-Mestre – corta os tecidos como calças e paletós.
- 5- Oficial de paletó – confecciona o paletó.
- 6- Meio-Oficial – é o aprendiz de oficial e normalmente já tem boa experiência profissional.
- 7- Ajudante - faz todos os acabamentos feitos a mão.
- 8- Coleteiro – confecciona os coletes.
- 9- Calceiro – confecciona as calças.
- 10- Acabador – prepara ombros, gola e prega mangas.
- 11- Buteiro – faz todos os tipos de consertos.
- 12- Aprendiz de alfaiate – iniciante da profissão.

Mesmo com tantas subdivisões no total de onze dentro da alfaiataria fica evidenciado o quanto é difícil o aprendizado e também demorado, para ser concluído na sua totalidade, sendo assim, um alfaiate completo na sua formação, investe muitos anos.

Nos dias atuais é raro que se encontre uma alfaiataria que tenha um número de profissionais que consiga preencher todas estas subdivisões, mensuro uma alfaiataria com aproximadamente uns quinze profissionais algo raro para as alfaiatarias do Rio de Janeiro.

Pode-se destacar parte da justificativa para referido projeto de lei que mostrando toda fragilidade e cuidado que se tem que ter com esse ofício, para que não se perca e realmente não se transforme em uma profissão em extinção, de acordo com as justificativas da regulamentação, conforme, diz que: "...Entretanto, tais profissionais, apesar de dedicarem uma vida inteira em favor da comodidade e do conforto de todas as classes sociais, não tiveram ainda a profissão regulada de molde a conferir-lhes direitos, a exemplo do que ocorre com outras profissões. O próprio artesanato está desaparecendo, para dar lugar à "máquina" e aos que, nesse mesmo sentido, exploram o profissional habilitado"... , PL LEI N°3.655, DE 2004.

Mesmo com pouca bibliografia sobre o assunto, onde as informações de quantos estabelecimentos de alfaiataria existiam no Rio de Janeiro no século XIX, de cursos para alfaiates e também o número de profissionais em franca atividade de 1924 até 1988, onde registrado esses acontecimentos.

Informações essas que foram encontradas com base nas listas telefônicas do Rio de Janeiro que são de posse do museu do telefone do Rio de Janeiro, onde lá, foi feito o levantamento das alfaiatarias e alfaiates que se encontravam nas listas, informações que puderam ajudar e a entender os períodos de pico e também de decadência das alfaiatarias do Rio de Janeiro como podemos ver no gráfico:

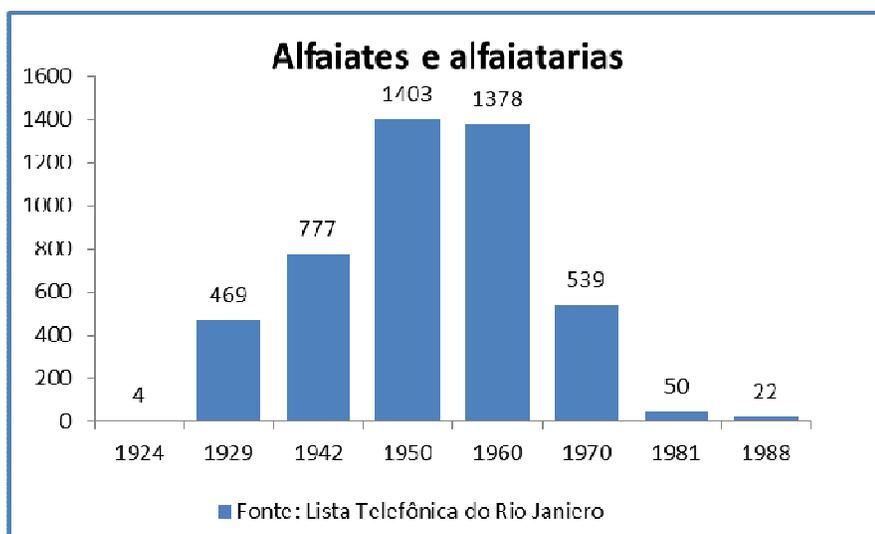


Gráfico 1 – Relação dos anos e quantidades de alfaiatarias na Cidade do Rio de Janeiro.

Certo de que esses números já nos dão uma visão bem definida para podermos entender bem o que aconteceu com essa profissão, podemos perceber a atuação do alfaiate dentro das tinturarias e também sua atuação na moda feminina onde se encontra anúncios exclusivos de alfaiatarias para senhoras, podemos assim entender a diversidade da atuação desse ofício ao longo de um breve momento de tempo.

Formação profissional do alfaiate

Caminhar ou trilhar pelos caminhos da educação é perceber que nesta caminhada, existiam muitos atalhos e alguns dos quais a educação se enveredou por ele, em alguns momentos era pessoal, outras políticas e por aí vai, com isso foi possível perceber como é complexo os caminhos da educação no Brasil.

Assim como na moda, até mesmo na educação, a Europa influenciou o Brasil, onde novamente a França se destaca nesse cenário, segundo Arnaldo Niskier, diz que:

“Com o termino da Primeira Guerra Mundial, as influencias estrangeiras sobre o Brasil sofreram profundas alterações. Na educação, serviam de guia, ao lado dos franceses, os suíços e os alemães. As reformas do ensino, decretada até então deixavam transparecer, em seus dispositivos, a familiaridade dos seus autores com o sistema europeus, nem sempre atualizados ou adequados à realidade brasileira” (NISKIER, Arnaldo, 2011, p.254)

Não tem como negar que o Brasil é um país novo, comparando com os países da Europa, onde ao recordar do início da profissionalização do ofício dos alfaiates é recordar dos tempos de D. João VI, onde Niskier, 2011, aponta o caminho que a educação tomou nessa época, como por exemplo, o Liceu de Artes na Cidade do Rio de Janeiro, cuja inauguração data do ano de 1858, iniciativa da Sociedade Propagadora das Belas-Artes, fundada em 1851, e dentre as muitas formações essa escola oferecia o ensino profissionalizante de alfaiataria e de outros ofícios. Esse ensino se manteve nesta escola ao longo de trinta e três anos, mas com o fim desse curso foi possível observar que esse profissional também começou a ficar escarço no mercado de alfaiataria. O que também pode ter colaborado para o desaparecimento da formação desse ofício foi o surgimento, em 22 de janeiro de 1942 pelo decreto-lei nº 4.048, do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, onde a responsabilidade ficava a cargo da Confederação Nacional da Indústria – CNI, tendo como prioridade a organização e administração, em todo país de escolas de aprendizagem aos industriários. É possível que esse fato fortaleça a ideia de, o construir roupas de maneira artesanal e sob medida não fazia parte do Brasil daquela época,

pois o que estava valendo era à fabricação de um vestuário industrializado. O SENAI por sua vez, surgiu em um momento em que o Brasil necessitava de técnicos profissionais capacitados e competentes para atender a demanda das indústrias que colaboraram para o crescimento cultural, social e econômico do país, com diz CUNHA, 2000: “A rede SENAI cresceu a um ritmo espetacular, modificando-se em função das ondas de mudanças do setor produtivo. Nos anos 40, iniciou suas atividades priorizando a aprendizagem industrial, para qualificar o operariado para a indústria nascente; nos anos 50, foi à vez da modalidade de treinamento, correlativa à industrialização segundo os moldes da grande indústria; nos anos 70, a ênfase na habilitação de técnicos de nível médio resultou mais da política educacional de profissionalização universal e compulsória no ensino de 2o. grau do que de mudanças efetivas do setor produtivo e nos anos 90, a ênfase recaiu na polivalência.”

Na Cidade do Rio de Janeiro o SENAI- Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil, ou seja, CETIQT tem sido a única instituição que tem nos seus quadros de curso a alfaiataria como disciplina, isto tem se realizado no seu Curso Superior de Tecnologia em Produção de Vestuário, a matéria de alfaiataria I e II, na sua grade curricular, onde os alunos aprendem a modelar e montar roupas conforme os profissionais alfaiates mais antigos.

Com isso a instituição tem feito um trabalho de formação a nível superior, formando não somente alfaiates, mas, também alunos de todo Brasil em profissionais capacitados na arte de modelar qualquer roupa do vestuário.

Conclusão

A alfaiataria vem percorrendo vários caminhos ao longo de sua existência, desde os tempos mais longínquos onde passou por nações e povos, onde na contemporaneidade alcançou todos os continentes desta terra, sabendo que em cada lugar é uma história diferente.

Pensar na decadência da alfaiataria na Cidade do Rio de Janeiro e até mesmo no Brasil é algo que pode ser desestimulante do ponto de vista educacional, mas ao ter informações de como a alfaiataria de lugares distantes como a Índia

e a China onde os turistas são abordados por alfaiates em pontos turísticos para fazer um terno em poucos dias e como a mão de obra nesses lugares é abundante é possível que a roupa saia da alfaiataria antes do retorno do turista ao seu país de origem. Creio que se fosse possível voltar aos patamares do auge da alfaiataria na Cidade do Rio de Janeiro, essa forma de trabalho poderia ser um dos caminhos para tal resgate. Para atender a esta demanda se faria necessário cursos que formasse não só alfaiates, mas também sua subdivisão, ou seja, buteiros, responsáveis por pregar as mangas, calceiros, fazedores de calças, oficiais e confeccionadores de paletós.

Bibliografia

Braga, João. Prado, Luís André do. História da moda no Brasil: das influências às autorreferências. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011.

Cunha, Luiz Antônio, O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. Revista Brasileira de Educação, 2000: Mai/Jun/Jul/Ago 2000

Sabrá, Flávio, Modelagem. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

Niskier, Arnaldo. História da educação brasileira: de José de Anchieta aos dias de hoje, 1500-2010. São Paulo: Editora Europa, 2011

Rosa, Stefania. Alfaiataria: modelagem plana masculina. Brasília: SENAC-DF, 2008.

Chataignier, Gilda, A História da Moda no Brasil. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

http://www.soac.com.br/cap_03.htm Acesso: 23/5/2012